



ROTA



BIBLIOTECA CENTRAL
LISBOA

Composto e impresso na
Gráfica Almondina — T. Novas

Director (interino) — Fernando Costa
Del.º do Director do C. E. — João Henriques

Quinzenário
Académico do C. A. C.

DE PEDAGOGIA

por **FERNANDO COSTA**

FALAR de pedagogia é sempre espinhoso. Nisto, como de resto em quase todas as coisas, cada cabeça cada sentença, e como não somos especialistas na matéria, corremos o grave risco de nos chamarem atrevidos por métermos o nariz onde não nos chamaram.

Procuraremos, no entanto, evitar o mais possível esse risco, e assim mais do que pedagogia falaremos de pedagogos.

Começemos por Platão que na sua obra «O Estado» deixou expresso o seu ponto de vista sobre ensino. Nessa obra Platão dizia que a vontade devia ser posta ao serviço da razão, e que a virtude da razão era a Sabedoria, a da Vontade o Valor e, a do Desejo o auto-domínio.

Nessa mesma obra Platão fazia uma divisão de períodos educativos que mais tarde rectificou noutra sua obra «As Leis».

Haveria um jardim de infância onde as crianças permaneceriam dos três aos seis anos e onde receberiam os primeiros ensinamentos. Aos 6 anos separavam os sexos e davam ensinamentos corporais. Aos 10 anos leituras e aos 13 música. Enquanto à poesia considerava-a prejudicial ao ensino da juventude.

Já Aristóteles, discípulo de Platão, não via esse inconveniente. Este orientou os seus métodos da seguinte forma: dos 7 aos 14 anos educação física e musical; dos 14 aos 17 continuação de cultura musical; 17 aos 21 exercícios físicos mais violentos.

Nessa época as disciplinas mais estudadas eram a Retórica, o Desenho, a Matemática e a Dialética. Em Roma surgiram obras pedagógicas de Terencio Varrão, Catão o Velho, Quintiliano (que considerava o jogo como actividade educativa) e Plutarco.

Derante a Idade Média o

ensino cristalizou tendo n.º entanto surgido obras de vários autores (cujos nomes não nos lembramos) que enfermavam todos do mesmo mal. O mal da escola tradicional em que o aluno é forçado a cumprir programas mais pela memória do que pela compreensão.

O aluno toma (ou forçamo-lo a tomar) uma atitude passiva quase sempre contrária à sua psicologia. Na época do humanismo houve quem procurasse combater alguns males da escola tradicional mas sem resultados apreciáveis.

Montaigne e Locke de quem por vezes se fala não produziram, segundo entendidos, obras de vulto. Rousseau com o «Emílio» fez descobertas de capital importância no ramo da pedagogia. Como Pestalozzi o faria mais tarde, Rousseau advogava a opinião que se devia respeitar o desenvolvimento das faculdades da criança.

Continua na 7.ª página

TRIBUNA DE MINERVA

A Família na sua função educadora

TODOS conhecem a verdade incontestável proclamada pela inteligência superior do velho filósofo grego: — «O Homem é um animal político». Mas talvez que nem todos saibam dar ao termo *político* o seu verdadeiro significado, o significado que, certamente, Aristoteles lhe desejou atribuir. Quando afirmamos aristotelicamente que o Homem é político, queremos dizer que ele se destina, por sua natureza, à vida social. Sabemos do estranho caso de Robinson, isolado na ilha distante. Consideramo-lo porém uma excepção.

Desde que nasce, desde que entra neste meio-ambiente que o espírito superior de Maria Montessori apelida de *super-natural*, o Homem começa imediatamente a sociabilizar-se. Primeiro no convívio discreto e amoroso dos Pais. Mais tarde com o mundo das crianças que o rodeiam. Finalmente, quando homem, viverá com o Homem.

O primeiro ambiente — primeiro no tempo e na importância — que influi decisivamente na sociabilidade do Homem, é o ambiente da Família.

A educação mais duradoira e mais eficaz que se recebe é a desse ambiente. Mas, pergunta-se: — ¿Estará a Família Portuguesa na sua totalidade à altura de desempenhar cabalmente o altíssimo papel educativo que a sociedade contemporânea lhe exige?

Temos vivido, por força

das circunstâncias, em meios que têm obrigação de conhecer em todos os seus variados pormenores. Baseados nos elementos colhidos no exercício de uma vida profissional, não tememos em dar resposta negativa a tal pergunta.

A Família, em especial a dos meios rurais, pode considerar-se em crise não só económica, mas intelectual e moralmente.

Leemos algures, que para se obter uma educação perfeita, é de suma importância que o complexo de todas as circunstâncias que costuma denominar-se *ambiente* corresponda bem ao fim em vista. E o ambiente da maioria dos nossos agregados familiares, é demasiado frágil para que lhe possam ser exigidas grandes responsabilidades no campo educativo.

Pergunta-se ainda: — Que se faz no nosso País para que se leve essa célula-mater da sociedade a desempenhar capazmente a função que lhe é devida?

Que nós saibamos, pouco ou nada.

Na Grã-Bretanha cremos que nos últimos anos de idade escolar se tem procurado dar às gerações vindouras conhecimentos, ainda que sumários, de filosofia, cozinha, costura, jardinagem, puericultura, etc.

Na Polónia existe (ou já existiu...) um instituto de educação familiar.

Na Bélgica tem sido vasta a acção duma associação que, se não estamos em erro, se

denomina «Liga de Educação Familiar».

Em Paris trabalha, no mesmo sentido, a «Ecole des Parents».

E nos restantes países do mundo?

O problema é duma tal importância que somos levados a pensar que alguma coisa se está fazendo neles pelo renascimento do espírito familiar.

Em Portugal cuida-se do assunto é certo, mas vagorosamente. Há que tomá-lo mais a sério, pela influência decisiva que exerce no bem-estar nacional.

PROF. A. CHORA BARROSO
(Antigo aluno do C. A. C.)

Riachos, 6/1/948.

Sub-Delegado Regional da Mocidade Portuguesa

Pela Ordem de Serviço n.º 8 do Commissariado Nacional, foi exonerado do cargo de Sub-Delegado da Ala n.º 4 (Gil Pais), o Sr. Coronel de Cavalaria, Mário Rafael Pinho da Cunha. Exercia este cargo há 20 anos, deixando uma valiosa obra e uma profunda simpatia entre todos os seus subordinados.

Pela mesma ordem de Serviço foi nomeado seu substituto interino o Sr. Cap. de Cavalaria, Amadeu de Santo André Pereira.

A estes distintos oficiais as respeitosas homenagens dos seus subordinados e de «ROTA».

O DESPORTO

NO nosso primeiro artigo, procuramos definir de uma maneira geral e resumidamente o que se entende por Ginástica Educativa. Hoje, a nossa atenção irá recair num outro meio de Educação Física e Desporto.

É do conhecimento de todos, de que o Desporto é bem mais antigo do que a ginástica, se a ela ligarmos a noção do seu conceito actual. Ele surgiu como sequência de duas exigências humanas: a necessidade de movimento e instinto de luta.

Desde os mais recuados tempos, o homem teve sempre tendência para o exercício e por isso o praticava, para a satisfação das citadas exigências. Mais tarde verifica, pela experiência, que o exercício o fortalecia, o que faz acrescentar mais um interesse aos anteriores, o desejo de ser forte e robusto.

A prática do desporto não é mais do que a prática de exercícios físicos.

Por vezes nele utilizamos veículos terrestres, aéreos ou aquáticos, animais, objectos de lançamento, saltos, etc. mas sempre o individuo tem de actuar física e mentalmente.

Para se apreciar o valor do desporto temos de estudá-lo nas suas características e na influência que ele exerce sobre o homem, no que respeita ao físico, ao psíquico e ao moral. Enquanto que na Ginástica Educativa os exercícios são cientificamente construídos, no desporto, os exercícios são de aplicação. É sempre um fim utilitário que se pretende atingir, quer o individuo corra, salte, lance, lute ou pratique qualquer

outra actividade desportiva.

São especialmente duas as suas características: o seu cunho utilitário e a possível verificação dos seus resultados, pois, em geral, podem medir-se.

Sob o ponto de vista físico, desde que consideramos o desporto a satisfação de necessidades lúdicas e instinto de luta, não podemos concluir se é benéfica ou prejudicial a sua prática. Quando muito, por experiência, podemos concluir que quem a ele se dedica adquire robustez e saúde, mas também temos observado que o seu exagero e violência prejudica muitas vezes. No entanto, podemos afirmar que o desporto será benéfico fisicamente se a sua prática for regulada e conscientemente orientada.

É preciso que se estude a natureza da sua acção sobre o organismo, a intensidade dessa acção, as qualidades físicas requeridas, quais as modalidades a adaptar ao praticante e, desde que a sua acção é conhecida sobre o organismo, agrupar os desportos de modo que a sua actuação conjunta se apresente equilibrada, quer dizer, interessando igualmente todo o corpo nas suas funções e desenvolvendo-o harmónicamente.

Ora tudo isto está estudado e por isso podemos concluir, para não nos alargarmos mais, que o desporto é benéfico desde que se estabeleça uma orientação desportiva sujeita aos princípios enunciados.

Sob o ponto de vista psíquico e moral, consideremos.

Os principais motivos que levam um desportista a um campo de treino, são três: o

gosto pelo movimento, o desejo de melhorar os seus resultados, por consequência, o melhorar a técnica e tática de execução e desejo de vencer no presente ou futuro.

A técnica desportiva não é a mesma para qualquer modalidade, mas toda necessita de um treino cuidadoso, meticuloso e sujeito a uma orientação perfeita, tanto nas competições como nos treinos não só existe, técnica mas também tática, pois em muitas ocasiões se devem poupar energias para regastarem no momento mais oportuno. A vida do desportista tem de ser regrada, isto é, bem orientada. Não deve esquecer o problema do descanso, da alimentação, do vestuário da higiene da pele, etc. Podemos resumidamente afirmar que ao desportista se exige: método na sua vida e no treino, paciência na progressão da aprendizagem, força de vontade em todas as circunstâncias reflexão e discernimento das ocasiões favoráveis, espírito de colaboração e espírito de sacrifício.

Além disto, ainda mais se exige do desportista. Ele deve querer ganhar e saber perder, o que lhe servirá de estímulo para melhor trabalho, deve ser amante da verdade, isto é, não trapaceia para ganhar e compreensivo na vitória e na derrota.

Para terminarmos, podemos concluir que o desporto bem orientado e obedecendo ao que foi dito, é benéfico tem um enorme valor educativo tanto na educação moral como física da juventude bem como nas restantes idades.

CERTA VOZ

*Eu sou bela como as corvetas
E as florestas virgens, à tarde,
E a mirra que, nas cassoletas
De Satsumá, untuosa arde.*

*Minhas mãos longas, familiares
Das simbólicas liturgias,
Exorcismam os meus Pesares
E as violáceas melancolias.*

*Alma de ouro de fino som,
Foge do mundo, fria Rússia,
E vem dormir sob o edredon
De meus olhares de pelícia*

*Vem ouvir os castos dictames
Desta minha boca solteira,
Cactus rubro, que tem por estames
Botões de flor de laranja.*

*Vem! subamos prestes, depressa,
A' torre de jaspe da Graça,
Onde mora — branca Professora —
A PRECE, toda em alva cassa.*

*Fujamos do mundo nefando,
Onde os Amores metafísicos,
Pobres Amores! vão murchando,
Como pálidos noivos tísicos;*

*Deste mundo perverso e vão,
Destes desertos glaciais
Onde a sponsálica união
De nossos corações leais,*

*Sob um céu de luto, no qual
Agenias, Lutas se amorfam,
Seria trágica, augural
Como o baptizado dum órfão.*

*Vem! Que de esperanças te adornes
Vamos à ilha dos Licornes!*

*Subamos às ilusões gratas
Nam vôo de nefelibatas!*

De «A Epifania dos Licornes»

Horas (1861)

Evolução da Poesia Contemporânea Portuguesa

O simbolismo é uma corrente poética, oriunda da França, com Mallarmé, que aparece em Portugal nos fins do século XIX. Caracteriza-se pela preferência da transposição em símbolo à tradução directa dos fenómenos e factos da vida e pela utilização da palavra, mais pela expressividade da sua música, do que pelo conteúdo da sua significação.

O Simbolismo procura a musicalidade, a beleza, a harmonia, no rendilhado das ruínas e no exótico das palavras eruditas. Tentando sugerir selo som, pelo ritmo, pelo símbolo, descobre no-

SIMBOLISMO

EUGÉNIO DE CASTRO

vas correlações e trata de tudo através do esquivo, do quimérico e do cambiante.

E a corrente poética que dá aos versos um forte gosto heráldico e aristocrático e que por isso mesmo detesta a vulgaridade ainda mesmo que nas suas formas de beleza.

* * *

Eugénio de Castro é um poeta verdadeiramente simbolista. Pelos seus versos se pode verificar esta afirmação. O Simbolismo, com ele, é realçado por uma riqueza de vocabulário extraordinariamente exuberante.

ARISTOS

*A biblia Virgem Maria
Com o seu olhar triste e clemente,
Vê-nos da lua alvinhente,
Celestial janela fria.*

*Dessa janela refulgente
Observa tudo e tudo espia,
A biblia Virgem Maria
Com o seu olhar triste e clemente.*

*Lá vem a lua fugidia...
Sê minha amiga, o Flor dormente
Esse teu olhar indiferente
Esse teu ar desgostaria
A biblia Virgem Maria.*

"SALOMÉ"

*Grácil, curvada sobre os feixes
De junco verde a que se apoia
Salomé deita de comer aos peixes
Que na piscina são relâmpagos de joia.*

*Como resplende a filha de Herodias,
Do jardim entre as vermelhas flores!
Corre por toda ela um suor de pedrarias,
Um murmúrio de cores...*

*Sua faustosa túnica esplendente
É uma tarde de triunfo; em fundo cor de brazas,
Combatem fulvamente
Irradiantes tropeis de aureos dragões com asas.
E sobre as jóias, sobre as lhamas, sobre o ouro,
Tão vivo bate o sol, que a princeza franzina
Ao debruçar-se mais, julga ver um tesouro
A fulgurar, a arder no fundo da piscina...*

Sai do jardim a Infante...

*Com um ramo de jasmim sacode as borboletas
Que lhe pousam na boca.*

*Erguem-se irados os leões, ouvindo passos,
Mas, vendo Salomé, aplacam seu furor.
E, em movimentas lassos,
Dão rugidos de amor!
Fauces escancaradas,
Da túnica os dragões parecem defendê-la...
No entanto Salomé, divinamente bela,
Pelas grades estende as mãos prateadas,
Que os leões cheiram, em lânguidas delírios,
Julgando que são lírios.*

*Voam iris no céu... e, erguendo-se brilhantes
Dos lagos onde nadam flores do Nilo,
Os reflexos cantantes
Acharam Salomé que entra no peristilo.*

Obras Poéticas, vol. IV, «Salomé»

Lisboa, 15-1-848

José Manuel Pereira Cantô Oliveira

Blanquefort, 5 de Agosto de 1889

CALENDÁRIO**Padre António Vieira**

(Notas recolhidas por Fernando Costa do livro de Mário Gonçalves Uiana «Cartas do Padre Vieira»)

TRACEMOS em primeiro lugar, em notas rápidas, o perfil biográfico do escritor, para depois, também resumidamente, falarmos da sua obra.

Nascido em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608, parte, acompanhado de seu pai, no ano de 1614, para o Brasil, ingressando no Colégio da Companhia de Jesus, na Baía. Tendo os holandeses invadido a cidade, Vieira com todos os Jesuítas, bem como a população, refugia-se numa aldeia índia pelo espaço de um ano. Em 1626 é nomeado professor de Retórica no Colégio de Olinda e em 1635 recebe as Ordens Sacerdotais. Em 1641 regressa à Pátria com o fim de garantir a fidelidade do Brasil à Coroa Portuguesa, mas é preso em Peniche, onde desembarca, pois o povo o supunha, erradamente, partidário de Espanha. Verificado o erro logo o põem em liberdade.

O seu primeiro sermão, em Portugal, foi proferido em 1 de Janeiro de 1642. É encarregado de várias missões diplomáticas todas caracterizadas pela gravidade dos factos que lhe davam origem. Em 1649 o jesuíta P.^e Martim Leitão faz uma denúncia contra Vieira, ao Santo Offício.

Notável defensor das liberdades dos índios do Brasil, onde havia voltado em 1652, prega o célebre «Sermão de Santo António aos Peixes», em sinal de protesto contra

a provisão que os Procuradores do Estado haviam trazido de Lisboa e que afectava as garantias concedidas aos índios.

E regressa, occultamente, a Lisboa, a fim de procurar remédio para essas injustiças. Faz vários sermões em Lisboa e Salvaterra sobre instantes problemas nacionais e torna ao Brasil em 1655. É denunciado, novamente ao Santo Offício pelo P.^e Jerónimo de Araújo e em 1661 é expulso, pelos colonos, do Brasil, por se opor a que os índios fossem utilizados como escravos. Regressando a Portugal é desterrado em 1662 para o Porto e, no ano seguinte, para Coimbra, sendo, no mesmo ano, proibido de voltar ao Brasil. Em 1665 entra nos cárceres de custódia do Santo Offício de Coimbra, sendo denunciado nesse mesmo ano e no seguinte, à Inquisição. Em 1667 é proferida pelo Santo Offício a sentença de não poder pregar. Para que não possa, no estrangeiro, pregar contra a Inquisição é proibido, também de sair de Portugal, mas como lhe levantam a sentença no mesmo ano, parte para Roma onde prega vários sermões. Em 1675 é declarado pela Santa Sé para sempre livre da Jurisdição inquisitorial, e em 1681 volta ao Brasil. Em 1697 escreve a sua última carta morrendo neste mesmo ano, no Colégio do Pará, no

dia 18 de Julho, portanto com 89 anos.

A sua obra composta de sermões e cartas é notabilíssimo. Em quase todos os seus sermões se nota a sua preocupação tanto pelos assuntos nacionais como (quando a eles se referia) pela justiça que entendia devia ser prestada aos índios do Brasil. E se é grande a pregar sermões, a escrever cartas (di-lo Francisco dos Reis) não tem rival. Luís António Verney que lhe criticava o estilo oratório diz serem primorosas as cartas escritas por Vieira.

Creio estar um pouco no esquecimento o grande P.^e Vieira. Aqui pretendemos trazê-lo à lembrança. Que quem nos lê não fique por aqui. E, para se desentastiar destas mal alinhavadas notas, aconselhamos os sermões e as cartas, de quem motivou este número do Calendário.

Entra quase sempre no respeito uma certa parte de temor. — Valtour.



Todos querem aconselhar; poucos nos dão bons exemplos. — Lemonnier.



A solidão é para o espírito o que a dieta é para o corpo. — Vauvenargues,

De Pedagogia

Continuação da 1.ª página.

Pestalozzi não se esquecia nunca de aconselhar o amor como base das relações entre os educandos e os educadores. Para não nos alongarmos falaremos rapidamente nos nomes de Montessori, Ferrière, Claparede e Decroly que emprestando ao ramo que estudavam o fogo do seu entusiasmo e talento deram um impulso grande às ciências pedagógicas.

O rumo que então estas ciências tomaram foi seguido por todos os que têm pela pedagogia verdadeiro amor e que entendem que a nobre missão de ensinar nunca será cabalmente desempenhada se não se estudarem os grandes mestres da pedagogia.

Só assim se conseguirá a arte de ensinar com um mínimo de fadiga para o professor e para o aluno, desenvolvendo ao mesmo tempo no último as faculdades de inteligência.

Só o verdadeiro pedagogo saberá ver as tendências de cada um dos seus alunos e aproveitá-las do melhor modo possível. E não se julgue que a pedagogia é assunto árido. É uma ciência que se estuda com interesse sempre crescente. E até os que não se dedicam à carreira do ensino terão utilidade em a estudar. Serão pais e o pai deve saber sempre ser um perfeito educador.

A cabeça do ignorante é uma esponja seca.

Desportos

Continuação da 3.ª página

Podemos ainda acrescentar a benéfica acção sobre a juventude no período pubertário. Actua como um derivativo tanto no aspecto físico como psíquico, canalizando as energias para outro campo, constituindo, assim, um elemento moderador e regulador bem como um factor indirecto de combate aos perniciosos efeitos que a vida citadina e alguns infelizes aspectos da nossa civilização, têm sobre a formação da juventude.

José Maia

Prof. de Ed. Física

Amor e ódio

“Eles são os que pesam os merecimentos; eles os que qualificam as acções; eles os que avaliam as prendas; eles os que repartem as fortunas.

Eles são os que enfeitam ou descompõem; eles os que fazem ou aniquilam; eles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando a seu arbitrio, a figura, a medida, e ainda mesmo o ser e a substância, sem outra distinção ou juízo, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com ódio o cisne é negro; se com amor, o demónio é formoso; se com ódio, o gigante é pigmeu... Por isso se vêem com perpétuo clamor da justiça, os indignos levantados e as di-

Cantigas ao sarilho

*Anda, sarilho,
põe-te a girar,
Ó maçaroca
toca a dançar
dentro do cesto
ou do alguidar.*

*Minha vida é um sarilho;
anda sempre ensarilhada.
Quanto mais anda o sarilho
maior se torna a meada.*

*O sarilho faz meadas
a dubadoira as desfaz.
Quase sempre há quem des-
faça
as coisas que a gente faz.*

A. Nunes Pereira

gnidades abatidas; os talentos ociosos e as incapacidades com mando...; a fraqueza com o bastão e o valor posto a um canto; o vício sobre os altares e a virtude sem culto.

Pode haver mais violências da razão? Pode haver mais escândalo da natureza?... Pois tudo isto o faz e desfaz a paixão dos olhos humanos; cegos quando se abrem; cegos quando se amam e cegos quando aborrecem; cegos quando aprovam, cegos quando não vêem, e quando vêem, muito mais cegos. — *Vieira.*

Beba Café na IMPÉRIO

— o melhor de todos —
Bebidas quentes e frias
de todas as qualidades

Empresa
Industrial de
Electricidade do
Almonda, L.^{da}

ILUMINAÇÃO E
FORÇA MOTRIZ

TELEFONE 2119

TORRES NOVAS

Pastelaria Império

O melhor
fabrico do
DISTRITO

Basílio S. Cardante

Agente da COMPANHIA DE
SEGUROS «A PORTUGAL» e
da ARCO PORTUGUESA (tin-
tas) acaba de receber peças e to-
dos os acessórios para automó-
veis: baterias, buzinas marca
DELCO, carburadores, antenas
para telefonias, projectores, etc.
Formação e carga de baterias.

Torres Novas

Grande baixa de preços

ÓCULOS



COM RECEITA MEDICA
aviam-se na Droguaria ÉLITE

Concertos

TELEFONE 2003

MOVEIS

ALBERTO MARQUES

— Fabricante de mobilias em série —

Telefone 2124

Torres Novas

Pensão Torrejana

de António Augusto Simões
Proprietario da Pensão Peninsular — Figueira da Foz

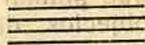
Óptimas instalações
Bons quartos
Esmerado serviço
de mesa



SERVEM-SE
Lunches
Banquetes
etc.



TELEFONES — Torres Novas, 71 — Fig. da Foz, 200

Grande 
 Oportunidade

O agente, desta vila, dos
pneus marca **Good-year**, acaba
de receber da mesma fábrica o
novo produto — **Solas Neolite** —
que substitue com grande van-
tagem, tanto no seu preço co-
mo qualidade, solas e tacões de
couro.

Dirija-se a

Basílio S. Cardante

 Torres Novas 

**MACHADOS
& LOPES, L.^{DA}**

— Torres Novas —

lembra a sua casa de venda de

Mercearias — Vinhos do Porto
— Espumantes — Aguas do
Cruzeiro — Papelarias
— aos preços dos mercado —